

Elísio Estanque.

“Esta capacidade de engolir austeridade pode atingir um limite”

A classe média transformou-se nos “novos pobres”. São os mais castigados pela austeridade e o maior potencial do país, defende o sociólogo

NELSON PEREIRA
nelson.pereira@ionline.pt

A classe média portuguesa está gravemente, quem o diz é Elísio Estanque. Alerta para um processo de implosão que está em curso sem que os políticos pareçam disso estar conscientes. Num ensaio recentemente publicado, “A Classe Média: Ascensão e Declínio”, o sociólogo, investigador do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, traça o retrato dos “novos pobres”, uma realidade que, sublinha, pode ser hoje vivida sem sairmos de casa, pois “esta classe média que está a carregar nos ombros o peso das medidas de austeridade somos todos nós”.

A classe média portuguesa está a sentir na pele os efeitos das medidas de austeridade e começa a viver dramas. Como é que chegámos aqui?

Em grande parte, estes problemas prendem-se com a crise internacional, que começou a ser sentida desde há dois anos para cá. Mas há aspectos estruturais relacionados com a nossa sociedade e com a nossa economia e que têm a ver com a nossa trajectória histórica e cultural. Portugal chegou tarde à modernização, chegou tarde ao Estado-providência. A nossa cultura democrática é igualmente recente, permanecemos uma economia relativamente fraca, com dificuldades perante economias mais sólidas e evoluídas. Passada a euforia da transição para a democracia, seguiu-se a miragem de uma adesão à UE que nos colocaria automaticamente ao nível dos países desenvolvidos da Europa.

Quer dizer que, na sua opinião, a adesão à UE criou a ilusão de um progresso e enriquecimento progressivos?

Criou no nosso horizonte subjectivo a ideia de que facilmente nos aproximáramos dos padrões de vida dos países mais avançados da Europa. Iniciámos a construção de um Estado social, que hoje emprega muita gente, que possibilitou investimentos muito volumosos e significativos em várias áreas, até à entrada

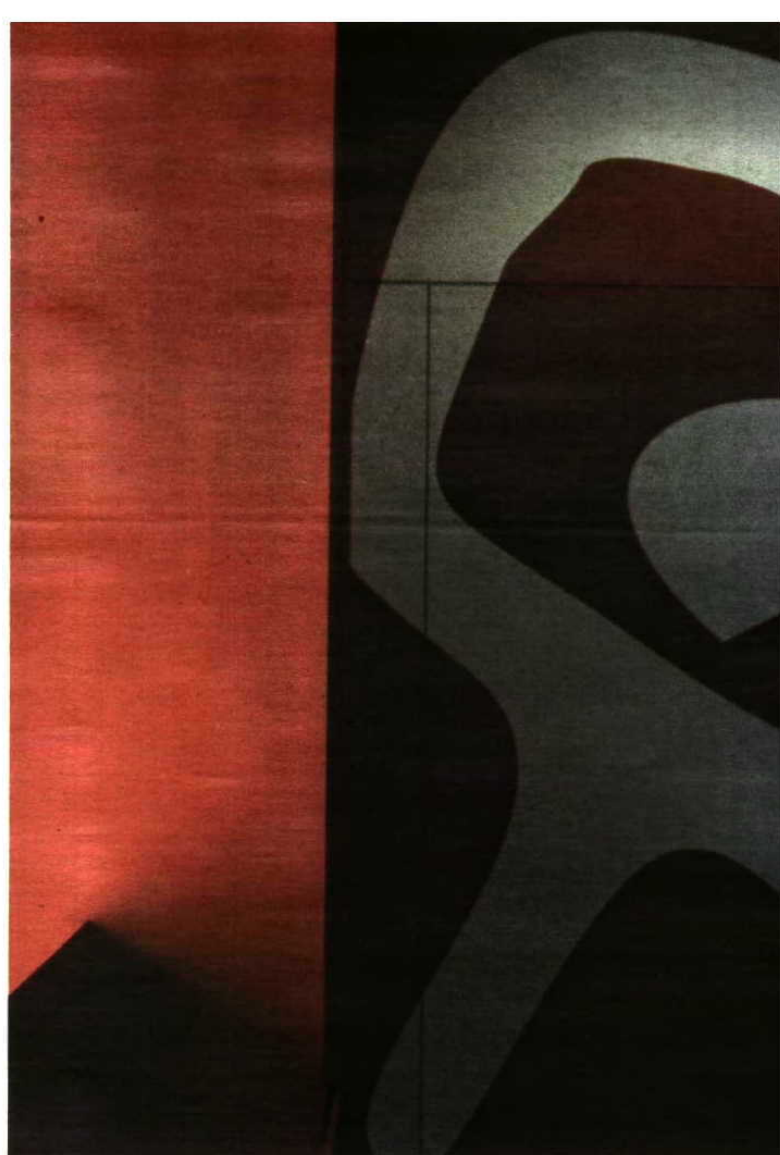
na UE. A partir daí começaram a chegar fundos estruturais e apoios vindos da Europa que permitiram dar continuidade a um discurso socialista, orientado para valores da social-democracia.

Os fundos da UE não trouxeram a modernização?

Tiveram um impacto muito maior em termos das infra-estruturas e da mentalidade de consumo do que no plano económico propriamente dito. E na modernização do nosso tecido produtivo. Até finais da década de 90, o modelo de competitividade na economia continuou a basear-se nos baixos salários até ao momento em que, com a abertura generalizada das fronteiras do comércio mundial e a chegada de produtos dos países asiáticos a preços extremamente baixos, encerraram muitas das nossas empresas dos sectores do calçado, indústria têxtil, etc. O desemprego começou a crescer. Só que entretanto o Estado social começou a desenvolver-se e a usar os recursos vindos dessa mesma Europa para consolidar políticas sociais no campo das pensões, dos subsídios, dos apoios, etc.

E é aí que temos o nascimento dessa classe média que está hoje a sofrer o impacto da crise?

O crescimento do Estado social e da economia fez nascer uma classe média assalariada, com alguns recursos e com salários acima do ordenado mínimo, muito dependente do crescimento do emprego público em sectores como a educação, a saúde, a administração pública e a administração local. Todo este cenário contribuiu para alimentar expectativas de consumo. A dada altura, os grandes investimentos e os grandes negócios passaram a ser muito mais feitos à custa das finanças públicas e recurso ao endividamento do que propriamente pelo aumento da produção de bens. O crescimento dos serviços caminhou a par com alguma retracção do sector industrial tradicional, que não soube incorporar nem as novas qualificações nem as novas tecnologias e não conseguiu reinventar a sua capacidade competitiva com base em recursos avançados.



Foi criada a base para uma ilusão de crescimento?

Os sectores que tinham um emprego mais estável, com um salário aceitável e perspectivas de crescimento e que podiam endividar-se, deixaram-se arrastar. E essas pessoas não só compraram mais casas como adquiriram carros, electrodomésticos, férias a crédito, etc... Um processo de endividamento incentivado pela estratégia do sector financeiro e da banca, que ofereceram acesso a determinado tipo de bens com facilidades de crédito extremamente aliciantes. Esse apelo ao consumismo teve um efeito poderoso sobre aqueles que tinham maior facilidade de crédito e emprego estável. Como os trabalhadores do sector público, incluindo os profes-

res e os profissionais da saúde, entre outros. Claro que o consumo também contribuiu para a dinâmica da economia, mas o problema é que o nosso tecido produtivo e o crescimento da economia não tiveram continuidade e começaram a retrair ainda antes do início da crise.

Mas como é que os filhos de uma geração que passou pelo 25 de Abril acreditaram nessa ilusão da facilidade?

Uma boa parte eram pessoas que se tinham deslocado do interior para o litoral e para as duas grandes urbes. A instalação nas cidades criou um sentimento de facilidade e a ilusão de que a classe média portuguesa era de facto pujante e vendia saúde. Até porque parte desse estatuto e desse poder de aquisição resultava de situações artificiais de empréstimo.

Confrontada com uma crise abrupta e falência em série, essa camada social reage pior que as restantes?

É entre esses novos pobres que temos a chamada pobreza envergonhada, com efeitos psicológicos terríveis. A diferença, em termos de análise sociológica, entre a classe média e sectores que sempre viveram numa zona de pobreza, precariedade e exclusão, é que essas camadas mais excluídas e mais pobres não alimentaram os sonhos que a classe média criou.

Os dinheiros da Europa tiveram mais impacto na mentalidade de consumo do que na modernização do tecido produtivo



Para Elísio Estande, a classe média consumista e individualista vai ser obrigada a perceber que os problemas actuais exigem respostas conjuntas e solidárias

MANUEL VICENTE

A classe média conquistou empregos seguros, um estatuto digno, uma perspectiva de carreira, aumento de poder de compra, etc...

É por isso que a quebra de expectativas é vivida com muito mais intensidade e dramatismo por esse meio social? Alguém que se imaginava num progresso constante e em segurança e se vê em pouco tempo sem possibilidades de pagar os seus empréstimos e sem casa, vive uma grande angústia. Também porque dá uma outra importância à imagem que perde aos olhos dos outros. Essas famílias vão envergonhadamente pedir apoio aos serviços de assistência em horários menos frequentados, para não se misturarem com outros de meios sociais diferentes.

Os novos pobres sentem-se diferentes, apesar de igualmente pobres?

Há um problema de *status* e de inconsistência de *status*. Esta camada de novos pobres continua a ter recursos educacionais e de formação cultural relativamente elevados, apesar de ter perdido, de repente, a sua base de conforto económico. É aquilo que em sociologia se chama de inconsistência de *status*, que é um tipo particular de instabilidade que pode degenerar no mais variado tipo de respostas, desde o isolamento, a doenças do foro psi-

quiátrico, discussões familiares, violência doméstica, etc...

É a esse quadro que se refere quando fala de “doença” da classe média?

A classe média tem uma espécie de personalidade bipolar. Vive num limbo difícil de gerir, entre a perspectiva positiva face às promessas que o sistema económico fazia e uma atitude de frustração que pode resultar em respostas autopunitivas e de inibição. Numa lógica atomizada, individualista.

Mas também pode ter respostas activas...

Sim. As respostas pró-activas podem acabar até numa intervenção mais política, no engrossar de dinâmicas de rejeição das propostas políticas apresentadas. Os

portugueses têm sido pacientes face à opção (ou obsessão) pela austeridade. Mas haverá um limiar a partir do qual esta capacidade de “engolir austeridade” pode atingir um limite.

Não lhe parece que falta consciência política e cívica indispensável a uma reacção política organizada com propostas alternativas?

Os portugueses adoptam uma atitude reverencial face aos símbolos de posição social, enquanto aqueles que estão colocados em situação hierarquicamente superior esperam uma dedicação sem reservas e reagem mal quando o subalterno se assume como sujeito com direitos. Não há no mundo ocidental muitos outros países onde o tratamento “doutor” suscite a vénia que merece em Portugal. Em Espanha não é assim, no Brasil não é assim. **Voltando ao plano político, é mau sinal a classe média acatar, sem revolta, o crescendo de austeridade?**

Não é aceitável a violência no protesto. Mas as medidas de austeridade que estão a ser adoptadas equivalem ao uso de enorme violência sobre um determinado sector da sociedade. Uma parte daqueles que têm maior protecção, conforto e recursos tem sido poupada. A distribuição e a lei da distribuição dos sacrifícios são ques-

tionáveis. A partir de determinada altura, ou os poderes têm capacidade de inverter algumas das suas opções para ir ao encontro daquilo que a sociedade exige, mostrar sensibilidade perante os que estão de facto com a corda na garganta. Ou então essas mesmas pessoas terão de dar um murro na mesa para manifestarem a sua oposição.

A solução passa portanto por um murro na mesa?

Não que isso seja em si mesmo a solução dos problemas. Mas ficar quieto e calado e aguentar para lá daquilo que é tolerável também não é solução. Em democracia, são necessárias discussões e debates públicos, petições. As iniciativas de rebeldia devem ser encaradas com naturalidade, como fazendo parte do desenvolvimento do espírito crítico. A democracia só funciona se diferentes correntes de opinião puderem ganhar visibilidade no espaço público, se houver questionamento dos modelos de funcionamento, busca de soluções alternativas às que nos são apresentadas como se fossem únicas. Qualquer líder tem de saber ser sensível ao pulsar da sociedade e dos seus sectores mais activos, que são os líderes de amanhã.

A haver uma alternativa consistente e estruturada, devemos esperá-la vinda da classe média?

Na classe média existe um potencial para um projecto de futuro, de desenvolvimento. Esta integra um conjunto de recursos significativos em termos de conhecimentos, competências e qualificações, capacidade de pensar... Não é um tampão do sistema vocacionado a aderir cegamente aos princípios do mercado. Vimos recentemente, nas “Primaveras árabes”, que não são os mais carenciados, demasiado presos ao assegurar da subsistência imediata, que estão na vanguarda das lutas pela liberdade e direitos, mas sim a classe média. O mesmo quanto à capacidade de reinventar: do ponto de vista dos recursos e da sustentabilidade, não há condições, nem daqui a dez anos, para se regressar ao modelo de funcionamento da economia e do Estado que tivemos até 2000. Vamos ter de encontrar alternativas.

As medidas de austeridade que estão a ser adoptadas equivalem ao uso de enorme violência